

Cliente: SBIm
Assunto: Movimento Antivacinação
Veículo: O Globo

Cidade: Rio de Janeiro
Seção: Sociedade

Data: 24/07/2017
UF: RJ Pág.: 37
Cm x Col: 52 RM

Domingo 23.7.2017

Sociedade

o GLOBO 37

SAÚDE

Quem tem medo de vacina?

Movimento de pais contra imunização cresce no mundo; no Brasil, cobertura é estável, com leve queda



Em risco. Crianças filsoficas, religiosas, medo dos efeitos colaterais ou posicionamento contrário à indústria fazem com que alguns pais optem por não vacinar seus filhos

CLARISSA PAIS
clarissa.pais@oglobo.com.br

Nos últimos 12 meses, cerca de oito mil pessoas contraíram sarampo na Europa, uma doença que pode ser prevenida com vacina e que, em muitas regiões daquele continente, já estava erradicada. Trinta e cinco desses doentes morreram: 31 na Romênia, dois na Itália, um na Alemanha e um em Portugal, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). Grande parte desses casos, para as autoridades, cai na conta do movimento antivacina, grupo crescente de pais que decide não vacinar seus filhos, seja por crenças filsoficas, religiosas, medo dos efeitos colaterais ou porque são contra a indústria da imunização. No Brasil, o movimento é tímido, mas a onda global é o suficiente para fazer os médicos daqui se mostrarem vigilantes e dedicarem mais tempo para convencer aqueles que são avessos à vacinação — em geral jovens e com alta escolaridade.

São pessoas como a terapeuta Gabriela Hurtado, de 35 anos, que nunca vacinou seu filho Arthur, de 2 ano e meio. Eles vivem em Fernando de Saõ Paulo, e a mãe admite que vacinas funcionam bem para interromper surtos e epidemias, mas defende que foi criado um "discurso do medo" para usar as vacinas como método de prevenção rotineiro.

— A vacina surgiu para que, quando o surto coletivo ocorresse, as pessoas pudessem criar imunidade no vírus que estava em circulação. Mas criou-se um discurso do medo, uma ideia de que a vacina é preventiva, quando não é. Se a imunidade de uma pessoa estiver baixa e ela tiver que contrair uma doença, ela vai contrair — diz Gabriela, que, no ser perguntada como então é possível evitar o início de um surto se a população não fizer vacinação de rotina, apelá à base emocio-

nal das crianças como forma de afastar doenças. — A fase filhote do ser humano é até os 3 anos de vida. Nesse tempo, se os pais dão uma base emocional forte para o filho, ele vai desenvolver uma imunidade sólida. Eu tive meu filho por parto normal, em casa, parei de trabalhar para ficar o máximo com ele. É isso o que garante a imunidade da criança, não é a vacina.

Gabriela não está sozinha. No Facebook, existem pelo menos sete grupos brasileiros ativos que se posicionam contra vacinas, reunindo mais de 13 mil membros.

Embora não se possa estabelecer uma relação direta de causa e efeito, nos últimos dois anos houve uma leve queda na cobertura vacinal de algumas das 14 imunizações destinadas a crianças no Calendário Nacional de Vacinação.

— As vacinas são vítimas do próprio sucesso — pontua o vice-presidente da Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIIm), Renato Kfour, 47 anos. — Elas são tão boas em erradicar doenças que parecem obsoletas. O movimento antivacina é algo que me preocupa. Ainda é pequeno no Brasil, mas acaba influenciando outras pessoas. Este é o problema.

De 2007 até 2015, a vacina BCG registrou cobertura de mais de 100% — o Ministério da Saúde explica que isso ocorre porque alguns pais chegam a vacinar os bebês mais de uma vez, porque se confundem e esquecem que a imunização já foi aplicada. Depois de quase uma década com todas as crianças vacinadas contra tuberculose, o Brasil registrou em 2016 cobertura de 95,2%. A queda é pequena e não chega a colocar o ministério em alerta. Mas médicos ressaltam que é preciso monitorar de perto essa variação, para que se possa agir, se for o caso, antes que o número de aplicações de BCG caia mais.

A vacina contra o rotavírus humano, que em

2013 ultrapassou pela primeira vez os 90% de cobertura no país, voltou a cair ano passado. Se em 2015, 95,3% das crianças brasileiras estavam vacinadas, o índice caiu para 88% em 2016.

A imunização contra a poliomielite também está em queda. Até 2013, a cobertura era de 100%, mas diminuiu para 96% no ano seguinte, voltou a crescer até para 98,2% em 2015 e, por fim, mostrou nova queda no último ano, atingindo somente 84,4%. Um cenário parecido ocorreu com a vacina triplice viral — que protege contra sarampo, caxumba e rubéola. Até 2014, a cobertura chegava facilmente aos 100%, de acordo com dados do ministério. Mas caiu para 96% em 2015, e para 95,3% no ano passado.

Professora de Pediatria e Alergologia da Faculdade Ipened, Mônica Iwabana relativiza os efeitos colaterais de qualquer imunização. — É possível que haja reações em pessoas alérgicas a ovo, por exemplo, e elas precisam fazer teste antes para avaliar se vale a pena tomar determinada vacina ou não. Mas isso é o que ocorre em toda prevenção ou tratamento — afirma ela.

CAMPANHA DE ESTÍMULO E INFORMAÇÃO

A vacinação infantil não é obrigatória no Brasil — os pais não perdem a guarda de filhos não vacinados, por exemplo —, mas é altamente recomendada. Na França, foi anunciado este mês que os pais passarão a ser obrigados a vacinar seus filhos a partir de 2018.

Diretor do Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis do Ministério da Saúde, João Paulo Toledo considera que, mesmo diante de surtos, tomar a vacinação compulsória não é o melhor caminho.

— Alguns países que obrigam a vacinar têm cobertura mais baixa do que a nossa. Estimular a informação é sempre um método melhor. ■

Polêmica versão homeopática atrai alguns adeptos

Associação responsável apoia método tradicional indicado pelo Ministério da Saúde

Várias pessoas que se recusam a aplicar nos filhos as vacinas triplice viral ou BCG alegam que suas crianças estão, sim, vacinadas. Mas com o que elas chamam de "vacinas homeopáticas" — um conceito estiano, uma vez que a homeopatia fiou conectada pelos compostos com substâncias altamente diluídas, dadas várias vezes num processo de longo prazo. Essas "vacinas" têm, portanto, muito menos antígenos do que tradicional. Mas na experiência da terapeuta Gabriela Hurtado, mostra resultados:

— Faço a prevenção do meu filho para todas as doenças com vacinas homeopáticas. Pego a

receita com meu médico e levo a uma farmácia de manipulação homeopática — explica ela. — Todas as crianças da escolinha do meu filho pegaram gripe recentemente, menos ele.

Entre os médicos homeopatas, não existe consenso. A própria Gabriela lembra que já teve dificuldade de encontrar um especialista que desse a ela receita para a "vacina".

— Tem muito homeopata que não dá. Acredito que por medo de perseguição — opina. A Associação Médica Homeopática Brasileira (AMHB) defende a vacinação tradicional, preconizada pelo Ministério da Saúde. Em nota, a instituição diz que o médico homeopata tem o "direito de contraindicar, eventualmente, uma vacinação para um determinado paciente (...). Entretanto, esta autonomia não lhe confere o direito de contraindicar, sistematicamente, todas as vacinas aos seus pacientes".

li a presidente da Associação Brasileira de Farmacêuticos Homeopatas (ABFH), Amarelly Cesar, defende que, dentro da homeopatia, a prevenção pode ser feita com várias doses do remédio ou com apenas uma, dependendo da escola do médico. Amarelly prefere não usar o termo "vacina homeopática", mas apenas "doses de prevenção".

— Protegem? Aparentemente sim. Existem trabalhos metodologicamente confusivos? Inquestionavelmente não. O ideal seria que existissem mais trabalhos sobre o assunto, seria bom que o próprio Ministério da Saúde se interessasse em investir nesses estudos — diz ela.

Para Renato Kfour, da SBIIm, o conceito de "vacina homeopática" nada tem a ver com medicina. — A homeopatia é uma especialidade médica séria, que não inclui a existência de vacinas. Não existe ciência nisso. É como dizer que vamos nos prevenir com cristais — arremata ele. ■

DISCURSO ANTIVACINA

EFEITOS COLATERAIS: O receio de muitos pais em relação às vacinas se baseia nos efeitos colaterais delas, também chamados de eventos adversos. Algumas pessoas relatam sangras nos fôos do bebê depois de ele receber a imunização contra o rotavírus humano, por exemplo. Essa vacina também é associada à invaginação intestinal na criança, quando uma parte do intestino se junta com a outra e o órgão fica obstruído. Outras vacinas, como a triplice viral — que protege contra sarampo, caxumba e rubéola —, também são alvo de integrantes do movimento antivacina, que acreditam que ela pode levar a problemas neurológicos e até ao transtorno do espectro autista — um médico ventilou essa teoria na década de 90, mas foi barrado de comunidade científica porque era mentira.

IMUNIDADE "ARTIFICIAL": Alguns pais defendem que as crianças precisam adquirir imunidade naturalmente, sem a proteção "artificial" representada pelas vacinas. Há ainda a crença de que os antígenos — vírus e bactérias — presentes nas imunizações são excessivos e agredem o corpo da criança.

FALTA DE NECESSIDADE: Alguns vírus, como o do sarampo e da rubéola, não estão mais em circulação no Brasil desde 2015. Por isso não é raro que pais se perguntem por que precisam vacinar seus filhos contra doenças que não atingem mais a população.

COMO MÉDICOS RESPONDEM

EFEITOS COLATERAIS: Os especialistas rebatem afirmando que, como as crianças tomam a vacina de vacinas nos primeiros anos de vida, é comum que, a qualquer problema de saúde que elas venham a ter, alguma vacina tenha sido aplicada nas semanas anteriores. Então muitos pais passam a acreditar que a vacina foi a causadora do problema, quando na verdade houve uma coincidência temporal. Médicos destacam que toda vacina que tem vírus ou bactéria vivos em sua composição — como o do sarampo, a poliomielite oral e a BCG — podem provocar efeitos colaterais. No entanto, esses efeitos são calculados e têm baixa incidência. "No caso da vacina do sarampo, uma pessoa a cada 100 mil terá um 'sarampinho', algo parecido com a própria doença, mas extremamente mais leve. Não tem possibilidade de afetar o cérebro ou qualquer outro órgão. A relação dela com o autismo é um mito", diz Renato Kfour, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIIm). Já em relação à vacina do rotavírus, não há evidência de sangramento nas fezes. Se ele ocorrer, é por conta de alguma infecção intestinal, diarreia viral ou doenças inflamatórias. E invaginação intestinal é comum em crianças e só acontece até os 6 anos, sem relação com a vacina.

IMUNIZAÇÃO SEGURA: A presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria, Luciana Rodrigues Silva, afirma que não há lógica em se expor a uma doença que pode levar à morte sem estar vacinado apenas para adquirir imunidade de forma "natural". "Na hora em que a criança nasce, ela já começa a ter seu intestino povoado por milhares de bactérias, que vão formar sua microbiota intestinal. O sistema imunológico precisa se expor a determinados antígenos, micróbios. O contato com a vacina está dentro do que o organismo da criança suporta", garante.

COBERTURA VACINAL NECESSÁRIA: É justamente com a cobertura vacinal alta que se evita o retorno das doenças, asseguram os especialistas. "A vacinação é muito mais do que uma proteção individual, é uma questão de cidadania. Você protege a si e a outras pessoas, incluindo as que não respondem à vacina e as que não podem receber a porque são transplantadas ou têm doença imunossupressora", diz Renato Kfour.